

Ser o não-Ser: eis a questão

Maria do Carmo Andrade Palhares

Regina Celi Bastos Lima

Resumo

O artigo versa sobre uma metapsicologia do ser na psicanálise, a partir das formulações elaboradas por Winnicott. Além disso, aborda questões epistemológicas considerando a clínica e sua teorização, articulando estas experiências com o mundo contemporâneo.

Palavras-Chave: Ser; identidade; identificação; solidão; humano.

I

O que é a psicanálise para cada psicanalista? Como esta prática profissional é vivida, hoje, por cada membro desta comunidade? Acreditamos, ainda, no seu potencial teórico-clínico diante da complexidade do mundo atual? Estas e outras questões rondam nosso cotidiano profissional. Ao tentar respondê-las, gostaríamos de afirmar algo do qual não temos dúvidas: decidimos em nosso percurso focalizar a clínica como a atividade magna da trajetória psicanalítica. Este foi o berço dos nossos encontros, dos nossos pensamentos, a base de nossos trabalhos individuais ou em conjunto.

Afetadas pelo sofrimento de inúmeros pacientes, pelos fracassos e sucessos na tentativa de tratá-los, configurou-se um grande interesse em discutir e expor a clínica psicanalítica sempre que algum impasse nos atravessasse. Daí surgiram trabalhos que buscaram teorizar e avançar nas questões clínicas atuais. Passamos a gostar muito de teorizar a clínica, além de experimentá-la no nosso dia-a-dia profissional.

Tudo isto nos remeteu a levar em conta não só as teorias consagradas e articulá-las com nossas teorias pessoais, mas, acrescentar, sobretudo, a nossa experiência emocional surgida na tentativa de nos comunicar com os

pacientes. Para isto era preciso ouvir atentamente as teorias de cada paciente sobre os seus próprios males, sofrimentos, conectar com suas flutuações afetivas, e com suas sensações de conforto ou desconforto emocional. Era preciso sentir o paciente nas entranhas. A partir daí algo de muito novo aconteceu. Muitas vezes, não encontrávamos ninguém para sentir. Ou melhor, não encontrávamos em nós nenhuma emoção. Quem falava não nos tocava emocionalmente. Não ressoávamos a fala do sofrimento. Mas havia alguém ali, às vezes contando situações difíceis, dramáticas, inusitadas, mas só isso. E o resto? A emoção não surgia diante da dor exposta. A partir daí surgiram questões acerca da natureza daquele encontro. Talvez, pudéssemos formular o seguinte: não bastava se colocar no lugar do paciente para compreendermos o que estava se passando, mas colocá-lo dentro de si para senti-lo. Isto porque, pensávamos: que palavras dizer se o que era dito não nos tocava? Interpretar era possível, dizer, não.

O que faltava?

Não queríamos tomar o texto do paciente como pretexto do nosso texto. Ou atribuir valor ao texto para nele descobrir seu sentido. Achávamos que quem interpreta, nestas condições, pode interferir e alterar o valor escondido no texto. Ou seja, podemos achar o conteúdo latente, mas perder a emoção nele contida. Queríamos, antes de tudo, sentir o valor daquela comunicação do paciente para sentirmos a presença do autor, e não apenas seu texto, sua narrativa, sua fala.

Esta clínica que procuraremos expor suscita perguntas de natureza epistemológica dentro da psicanálise, pois traz um novo enfoque para as questões evolutivas do desenvolvimento humano colocando em destaque o par analista–analizando e o *setting* dentro do qual acontece o tratamento psicanalítico.

Nesta compreensão, a importância dada ao objeto (à pessoa do analista) na dinâmica do tratamento permeia a situação clínica. Esta importância não significa poder, domínio, invasão. Significa compreensão e adaptação, e ao mesmo tempo, inclui a falha do analista como necessária para a evolução do processo analítico. Estamos assim considerando o *setting* como

um novo ambiente onde o paciente vai poder experimentar situações de sua vida juntamente com o analista. Aqui esse “juntamente” não significa resignificar o que já foi vivido. Significa viver pela primeira vez o que já foi vivido como uma nova experiência que permite a continuidade de ser. Este é o ponto que vai levar em conta a pessoa do analista.

Aqui ganha peso a possibilidade do analista se identificar com as necessidades do paciente, é isto que se apresenta como essencial para o *setting* analítico.

Acompanhamos inúmeros pacientes que expressavam um desencanto e uma desesperança diante da vida, embora aparentemente desfrutassem de condições existenciais satisfatórias. Transformamos os apelos percebidos no sofrimento destes pacientes numa pergunta: O que o ser humano quer e espera da vida? Percebíamos que viver e se manter vivo era um anseio constante, embora isto se manifestasse de forma difusa.

II

Alguns textos de Winnicott nos ajudaram a pensar sobre esta questão. Inicialmente podemos citar um trecho significativo de sua obra. *“Em termos de psicologia devemos dizer que o lactente é ao mesmo tempo dependente e independente. Este é um paradoxo que precisamos examinar. Tudo que é herdado tem uma realidade própria, e ninguém poderá alterar. Ao mesmo tempo, o processo maturativo depende para sua evolução da provisão ambiental. Podemos dizer que o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial. A mãe e o pai não produzem um bebê como um artista produz um quadro. (...) Se conseguem proporcionar esta provisão ambiental, o processo de maturação da criança não fica bloqueado, mas é atingido e capacitado a se tornar parte da criança.”*(1963, p.81)

Ao examinarmos este trecho de Winnicott nos deparamos com uma questão realmente psicanalítica. Podemos considerar um indivíduo isolado em seus processos intra-psíquicos ou o inserimos num contexto interpessoal e passamos a levar isto em conta durante o trabalho psicanalítico, tanto no momento da interpretação como no manejo do *setting*. Ou trabalhamos nos dois sentidos de acordo com os movimentos psíquicos do paciente. Isto significa considerar o paradoxo apontado acima por Winnicott. Aqui ele considera, simultaneamente, algo fundamental: o ambiente e o que é específico em cada indivíduo.

Winnicott busca pensar um modo de conciliar a iniciativa subjetiva com o respeito pelas circunstâncias que envolvem os indivíduos e suas histórias. Circunstâncias que podem condicionar a forma de pensar, sentir e agir. É nesse sentido que ele vai valorizar o ambiente facilitador das expressões pessoais do indivíduo quando formula de maneira decisiva: “Ser, antes de tudo”. Com esta afirmação ele não deixa brechas para a polaridade inicial entre o interior e o exterior, nem tampouco para a diluição do interno frente ao externo. Concentra sua atenção e seu interesse naquilo que é singular em cada indivíduo, isto é, naquilo que faz parte do potencial herdado, incluindo-se aí a vida pulsional, e vai buscar compreender o encontro desta singularidade com o ambiente que recebe e interage com este indivíduo. No início da vida, Winnicott não desfaz esta configuração: Sujeito-ambiente. Ele vai tentar trabalhar a partir deste encontro. Mas leva em conta um lugar a partir do qual olhar. Aquele olhar que do lugar de adulto reconhece a dependência e a vulnerabilidade absolutas do bebê e, portanto, legitima seu ponto de vista, validando suas necessidades iniciais. Desta forma ele consegue penetrar na vivência específica de cada indivíduo, ao mesmo tempo que observa as circunstâncias ambientais. E é desta perspectiva que ele examina as relações objetais que engendram servidão, obediência, conformismo, sujeição. Ou reação diante do temor destas experiências. Descreve situações que mostram como existem pessoas que temendo a submissão revestem-se de reações sem perceberem que aquilo que lhes pertence genuinamente ficou perdido em algum lugar do passado. Lembramos aqui a fala de uma paciente adolescente: *“Era pra ser de um jeito, mas virou outra coisa, agora não sei como desvirar...”*

E o que faz com que uma pessoa seja ou não ela mesma?

O que significa para a psicanálise inserir a questão do Ser no *setting* analítico? E sobretudo da maneira como Winnicott a coloca: “...antes de tudo”.

A condição de ser nasce da mais simples e ao mesmo tempo da mais complexa experiência humana. Como é vivida esta experiência?

III

O pensamento de Winnicott acerca do desenvolvimento humano neste começo da vida, no “... antes de tudo”, vai diferir essencialmente das teorias que tomam por base um aparato psíquico estruturado a partir das pulsões, o que nos levaria a pensar em metas e intencionalidades, supondo, portanto, na existência desde o início de um sujeito e um objeto. Mas se ao invés de pensarmos em aparato psíquico neste início, se pensarmos na manutenção da vida, vamos concordar com Winnicott na sua afirmação do viver. Neste sentido a vida não deriva da satisfação pulsional. Winnicott traduz esta terminologia enfatizando o encontro humano. A vida será possível se um bebê em estado de dependência extrema encontrar uma mãe que reconhecendo e se identificando com esta condição inicial, adapte-se de forma ativamente sensível às necessidades específicas de seu bebê. Na perspectiva de Winnicott esta é uma experiência que o ser humano precisa conhecer: “*quando olho sou visto, logo existo (..) meu existir é visto e compreendido por alguém, e ainda mais: é me devolvida (como uma face refletida em um espelho) a evidência de que necessito de ter sido percebido como existente*” (1971, p.157 ; 1962, p.60).

Eis aí as declarações de um bebê em busca de sua cidadania existencial. Antes de haver experiências satisfatórias ou frustrantes há que haver experiências. Experiências de reconhecimento de uma condição vulnerável neste início de vida. Alguém precisa assumir este risco. A percepção deste fato levou Winnicott a dizer – “O bebê, isto é algo que não existe”. O que existe é um campo de experiências vivido pela díade mãe-bebê. A manutenção

e sustentação desta estrutura vincular inicial é que vai possibilitar o estabelecimento da condição de ser.

Por um lado, poderíamos inserir neste contexto o indivíduo e sua força vital, seu potencial herdado, sua tendência à integração, seu impulso a humanização. Por outro lado, a mãe e o ambiente fornecendo condições para a expansão destas bases carregadas de singularidades evoluindo num tempo-espaço específico, circunstancial, histórico. A mãe orientada emocionalmente para sua função permite que este potencial se realize, aconteça, garantindo a continuidade da existência do bebê. Otávio de Souza sintetiza expressivamente este momento: *“não existe ainda o sentido do eu sou, mas sim o de seguir sendo”* (2000, p.135).

Nestes primórdios da constituição do ser, a presença do objeto (mãe) não deve ser intrusiva, pois está em jogo a possibilidade de fruição da criatividade inata primária. Durante algum tempo a mãe sustenta esta situação sem que o bebê tome conhecimento do ambiente e de todos os afetos nele contido. Não-conhecer neste momento implica em experimentar a relação com o objeto como fazendo parte de si mesmo. Isto porque a mãe se oferece como um objeto a ser achado e criado pelo bebê. Explicitando a situação, diz Winnicott: *“A mãe coloca o seio real exatamente ali, onde o bebê está pronto para criá-lo, no momento exato. Nesta atmosfera, o bebê vive a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua capacidade de criar”* (1971, p.157). Neste contexto o fluir da própria vida não está ameaçado. Vale destacar então que “... antes de tudo” reafirma as idéias inovadoras de Winnicott acerca da inauguração do humano, deslocando o eixo da origem do psiquismo das pulsões para uma origem que prioriza os acontecimentos psíquicos configurados no encontro mãe-bebê. Encontro-síntese propiciador da emergência de uma identidade humana concebida em seus aspectos ontológicos. A relevância aí não é a satisfação pulsional, mas sim o ato criativo efetivado pelo bebê ao se sentir criador da própria mãe. Por meio desta experiência criativa o presente se apresenta como vivo e real. E como entidade viva para o outro, o essencial se concretiza na vivência do bebê, e talvez ele possa dizer: *“Estou vivo, e o meu viver é a minha criação.”* Vive-se assim o

sentimento de ser. Encarna-se o humano. Tudo isto é possível porque as necessidades de um bebê marcam um “aqui, agora” absolutos. E esta marca requer um reconhecimento do outro que se objetiva no atendimento sensível a estas necessidades. Esta objetivação confere valor real a uma subjetividade no sentido de torná-la singular, valiosa em sua interioridade. A partir daí os fenômenos internos passam a ter sentido para alguém que pode experimentá-los como seus: estabelece-se as condições do psiquismo humano pronto para empreender o caminho das representações mentais.

Na trajetória humana proposta por Winnicott o que está em pauta no início é a identificação da mãe com seu filho. É esta condição que vai permitir a mãe sustentar a continuidade de ser do bebê possibilitando sua existência e sua ilusão de criar o mundo, dentro desse processo ela vai, ao mesmo tempo, se revelando como um outro na sincronia do tempo e espaço das experiências vividas juntos.

Aqui na questão sobre o papel da identificação na constituição do psiquismo humano nos parece importante dialogar com Freud.

Em 1922, no texto *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, Freud aborda a psicologia dos grupos tomando por base os processos e alterações da psicologia da mente individual.

Neste texto, ele declara que todas as relações que constituíram o indivíduo podem ser consideradas como fenômenos sociais: *“Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.”* (p.91).

Freud ressalta desta forma a importância no processo de subjetivação do indivíduo: o objeto, o outro, o ambiente, a cultura. No capítulo VII deste mesmo texto, ele vai abordar especificamente a questão da identificação. Desenvolve este conceito não somente para a compreensão do funcionamento primitivo do psiquismo, mas, também, para a compreensão do processo de

subjetivação humana a partir do mais primordial fenômeno social: a relação com os pais.

Sobre o conceito de identificação, ele afirma que este fenômeno é “ *a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa*”.

Ainda segundo Freud, a identificação vai englobar diferentes estágios no processo de subjetivação: a identificação primária com “o pai da pré-história”; múltiplas identificações com os pais, constituindo a base de toda trama e drama do complexo edipiano, possibilitando, se houver êxito, o surgimento de uma personalidade distinta, singular. Freud considera neste processo a imbricação do corpo, dos afetos e da representação. Descreve, também, o fenômeno da empatia relativo a certos estados amorosos e mesmo míticos, ressaltando os efeitos emocionais da identificação. Acrescentando que na empatia algo de importante acontece: a capacidade de reconhecer e aceitar o elemento estranho ao ego pertencente ao outro ego. Prosseguindo, coloca em relevo o mecanismo identificatório que assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro onde o indivíduo se transforma total ou parcialmente segundo o modelo de uma pessoa. Nesta compreensão, Freud demonstra que já no início da vida existe um ego relacionando-se com um objeto.

Neste ponto queremos destacar o recuo feito por Winnicott no que se refere a identificação como fenômeno vital para a constituição do psiquismo humano. Aqui não só é importante o recuo, mas a descrição em câmara lenta e com lentes aumentadas das minúcias, dos detalhes, dos pormenores do encontro do indivíduo com o objeto. Winnicott não dá relevância à questão canibalística de incorporação de um atributo do objeto nestes primórdios da vida. Para ele, o indispensável é a presença materna real. Presença que se evidencia na capacidade materna de se colocar no lugar do bebê possibilitando a vivência fusional que torna possível uma experiência subjetiva de união entre mãe e filho. O que deriva desta vivência fusional é o desconhecimento da dependência do outro e de qualquer atributo externo. Não conhecer significa neste momento experimentar um contato com o outro destituído de uma percepção da externalidade, o que vigora é um estado aperceptivo

possibilitando a criação dos objetos do mundo. A mãe em sua identificação empática favorece este tipo de ligação emocional dentro da qual o bebê vive um tempo para si, e dentro de si – à este tempo Winnicott chamou de solidão essencial. Com suas palavras, ele explica: *“No princípio há uma solidão essencial. Ao mesmo tempo, tal solidão somente pode existir em condições de dependência máxima. Aqui, neste início, a continuidade do ser do novo indivíduo é destituída de qualquer conhecimento do ambiente e do amor nele contido, sendo adaptação ativa de uma espécie e dimensões tais, que a continuidade do ser não é perturbada por reações contra a intrusão”* (1988, p.153, 154)

O que é essencial se configura em solidão para ser juntamente com um outro que faz parte do indivíduo. É preciso dois, para conhecer um. Portanto, essa totalidade inicial só é possível se existirem dois cuja a capacidade de um se apresenta como integradora do todo. A função da mãe é criar um ambiente para seu bebê em que é seguro ser ninguém, porque somente a partir de um lugar assim é que o bebê pode começar a se encontrar com seu centro silencioso. Aqui não existe ainda relação objetal. O que acontece é a apresentação dos objetos no momento exato em que o indivíduo está pronto para criá-los a partir de suas necessidades. Vale dizer, os objetos não estão ali para serem incorporados em suas qualidades, mas sim, para serem criados como condição para ser. Aqui a interioridade não se opõe a exterioridade, isto porque se configura um estado de não-estar vivo, de não-integrado, de não-ser. Winnicott vai nos falar destes estados, olhando através dos olhos do bebê, diz ele: *“No início há a não-integração, não há vínculo algum entre corpo e psique, e não há lugar para uma realidade não-eu. (...) não há um lugar a partir do qual olhar. No entanto, a semente de todo desenvolvimento futuro está ali, e a continuidade da experiência é essencial para a saúde futura do bebê que virá a ser um indivíduo”* (1988, p.153,154)

Aqui nós entendemos que neste início a natureza de cada um vem para se fundir com seu semelhante, e não para se confrontar. Só assim é possível ser.

Neste processo, a condição da mãe de se identificar com estes estados iniciais legitimaria o valor desta natureza. O recuo *winnicottiano* prioriza esta questão.

O recuo materno seria possível durante a vivência daquele estado especial de sensibilidade aumentada que denominamos “preocupação materna primária”. A sustentação deste estado garante a identificação primária, e assim o bebê vive o objeto como sendo ele mesmo, logo, a presença do objeto não é sentida precocemente. Desta forma, abre-se o caminho para o repouso, para o relaxamento, mas, sobretudo, para a intimidade consigo mesmo, já que não é preciso perceber, conhecer, investigar se o que acontece vem de fora ou de dentro. Daí emerge um ser que pode fruir assentando sua identidade humana antes de tudo.

Hannah Arendt, em seu livro – A Condição Humana – busca descrever a importância do mundo privado como algo fundamental para a felicidade humana, apresentando como relevante o que a esfera pública coloca como irrelevante: “ *Após o declínio de sua vasta e gloriosa esfera pública, os franceses tornaram-se mestres da arte de serem felizes entre “as pequenas coisas”, dentro do espaço de suas quatro paredes, entre o armário e a cama, entre a mesa e a cadeira, entre o*

cão, o gato e o vaso de flores, dedicando a estas coisas um cuidado e uma ternura que, num mundo em que a rápida industrialização destrói constantemente as coisas de ontem para produzir os objetos de hoje, pode até parecer o último recanto puramente humano do mundo. Esta ampliação da esfera privada, o encantamento, por assim dizer, de todo um povo, não a torna pública, não constitui uma esfera pública, mas, ao contrário, significa apenas que a esfera pública refluíu quase inteiramente, de modo que, em toda parte, a grandeza cedeu lugar ao encanto; pois embora a esfera pública possa ser grande, não pode ser encantadora precisamente porque é incapaz de abrigar o irrelevante”. (2001,p.61,62)

Em seu recuo psicanalítico, Winnicott abrigou o que antes era irrelevante - Ser, antes de tudo. Isto significou priorizar o encontro mãe-bebê em toda sua

extensão humana, tornando relevante para o tratamento psicanalítico a compreensão profunda deste vínculo inicial. Tal como Hannah Arendt, ele vai buscar na intimidade da casa, do cotidiano, do seu consultório pediátrico e psicanalítico os elementos essenciais para configurar a relevância do privado. Desta forma, ele concebe como fundamental para o desenvolvimento humano a experiência de ser em união e, em tal intimidade com o outro, que a presença do objeto aponta para a impermanência da alteridade. É daí que surge a possibilidade de fluir em direção ao outro na tentativa de construir o solo da própria existência. Num desenvolvimento saudável o bebê não precisa assumir prematuramente a percepção do outro. É o ambiente que se encarrega de fazer isto: identificar-se para perceber. O bebê é, então, liberado para criar, para viver o “*non-sense*” da transitoriedade relacional. Neste sentido, poder desconhecer, ignorar, significa não entrar precocemente na esfera pública, isto é, no mundo das relações objetais. Aqui vale um exemplo clínico. Durante 1 ano e meio de análise uma paciente adolescente evitava qualquer aproximação. Comunicava-se freqüentemente através de intensa agressividade. Expressava um temor e ao mesmo tempo um grande anseio para viver uma experiência de intimidade. Após longo período de desintegração pôde conceber uma idéia de algo que atendesse suas reais necessidades, um certo dia de forma onipotente falou durante uma sessão: “... *a gente podia comer alguma coisa aqui... e é você que tem que trazer o lanche... é você que tem que me dar tudo*”. Eis aí o valor da regressão: poder experimentar junto ao analista uma nutrição que vale para o corpo e que dá um sentido ao encontro com o outro. Compreensão e empatia são aqui essenciais.

Emmanuel Lévinas também contribui para o percurso desta aventura de ser: “*Compreender o ser enquanto ser é existir (...) O homem inteiro é ontologia. Sua obra científica, sua vida afetiva, a satisfação de suas necessidades e seu trabalho, sua vida social e sua morte articulam a compreensão do ser*” (1997, p.22)

Dentro deste paradigma estamos frente a vivências do indivíduo que têm mais qualidade ontológica do que psicológica. Aqui situamos a mãe que é, aquela que diante da vulnerabilidade do bebê assume a possibilidade de

existir-para-outrem, tudo se passa como se o surgimento do humano virasse o sentido de toda presença materna.

IV

Mas quando tudo isto não é possível, freqüentemente na clínica, ouvimos de diversas maneiras: “ Resta-me ser o que querem que eu seja”. Nesta condição, a esfera pública tornou-se primordial.

Se o objeto precocemente passa a pertencer à realidade externa lá se vai o criador... Isto porque o objeto passa a não estar à disposição dos seus propósitos de auto-expressão. O que resta é um mundo que já existe, pré-estabelecido, que se impõe com suas múltiplas características, exigindo classificação, decodificação, catalogação, busca constante de informação. Ou resta a alienação, já que impondo-se precocemente, o mundo passa a não fazer sentido, podendo surgir daí a indiferença, a negação, a destruição da esfera pública. De qualquer forma, estamos no terreno da adaptação como tentativa de sobreviver. Ou no terreno das reações como defesa contra as intrusões objetais. Nestas condições viver é um ato defensivo: ser o não ser não se instala como uma questão, muitas vezes é a única saída para manter o vínculo com o outro.

Vivemos hoje transformações evidentes no cenário social contemporâneo, onde percebemos, anestesiados, uma herança cultural marcada pela historicidade e tradição caírem por terra. Vivemos uma diluição de referências dificultando o surgimento do ser numa ancoragem simbólica. Um ser que desenvolva projetos identificatórios possibilitando a marca da diferença. Pois, a diferença é percebida com hostilidade, situação que gera freqüentemente uma necessidade de pertencimento a qualquer preço.

Podemos pensar numa interdição do ser, num temor ao singular, ao espontâneo, ao criativo que passam a ser confundidos com a loucura. A valoração das inovações tecnológicas, a preocupação com as regulações do mercado, a primazia da lógica econômica, e as transformações aceleradas

engendradas pela globalização, modificaram estruturalmente as relações com o espaço e o tempo na vida do indivíduo atingindo a subjetividade humana.

É possível ser?

Uma paciente liga para uma amiga para saber notícias de seu bebê recém-nascido. Ao telefone a mãe se queixa de que ele está muito “manhoso” porque chora muito. A paciente responde estranhando: *“Manhoso?” Ah, não, ele só tem três semanas! O que ele quer é estar junto de você, no seu colo, sentir-se amparado no seu colo. Ele é um bebê, e os bebês são assim mesmo, a gente é que precisa descobrir porque eles estão chorando*”. A amiga discorda, dizendo: *“Ele é “manhoso”, sim! Se deixar ele só quer colo, isso é “manha”*”. Eis aí uma metamorfose: ele não é mais um bebê, ele está determinado a ser um “manhoso”.

É possível que este bebê esteja empreendendo um esforço para ser visto em sua condição de vivente. Ou seja, que ele esteja tentando descobrir um modo de existir como si mesmo, elemento fundamental para se sentir real, se sentir existindo.

Gilberto Safra é esclarecedor neste ponto, ao dizer: *“Um aspecto bastante interessante, do ponto de vista clínico, é observar em que elemento de sua constituição uma pessoa ancora um sentido de self deficiente. Alguns fazem esta ancoragem no tempo convencional, ou na utilização da musculatura estriada, ou ainda na racionalidade. A ancoragem pode-se dar em qualquer aspecto de si. O indivíduo vive angústias de dispersão e de aniquilação de si mesmo, quando não consegue se ancorar naquele aspecto que é o elemento que define o seu ser”*. (1999, p.67)

Aqui o indivíduo não se define pelo todo mas por uma parte que assume a sua condição humana. Pode ser a beleza, a inteligência, a riqueza, uma habilidade específica, e até mesmo a esfera profissional. Ou até mesmo aspectos negativos de si. Ele pode se tornar absolutamente dependente deste elemento que define o seu ser.

Ao longo deste trabalho, podemos compreender que o ser insere-se na vida como um estilo. Neste sentido, também, a relação com o outro não é mais pensada como algo que escraviza, aliena, ou subjuga, mas como algo que incita, inspira, ou intima o sujeito a ser. É assim que o tempo da vida é apreendido livremente. Tanto para ser como para fazer.

Encontramos novamente em Hannah Arendt a compreensão de Winnicott que fundamentou o seu recuo ao “antes de tudo”, diz ela: *“Nunca se está mais ativo do que quando nada se faz, nunca se está menos só que quando a sós consigo mesmo”*. (2001, p. 338)

Mas para isto a constituição do ser é o ponto de partida para uma epistemologia humana. É nesse sentido que gostaríamos de pensar e refletir sobre as vivências do indivíduo que têm mais qualidades ontológicas que psicológicas. Ou seja, vivências que traduzem a ação humanizadora dos cuidados maternos antes de se constituírem em ação psíquica. Esta é a ênfase no “... antes de tudo” - humanizar para depois psicanalisar. O ser humano só poderá usufruir do psicológico se estiver fluindo em seu ser.

Com este texto, estamos dando prosseguimento a uma linha de investigação sobre a constituição do ser em psicanálise a partir das questões formuladas por Winnicott. Isto é apenas o início, há ainda muito caminho a percorrer. O que importa no momento é termos começado a pensar e a escrever sobre este tema tão instigante e quem sabe esclarecedor de muitos impasses experimentados na clínica psicanalítica.

Maria do Carmo Andrade Palhares

Psicanalista. Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Psicopedagoga, Psicóloga

Rua Visconde de Pirajá, 303/ 508 – Ipanema

Cep: 22410-001, RJ – tel.: 2247.8825

Regina Celi Bastos Lima

Psicanalista. Membro do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro

Fonoaudióloga, Psicopedagoga, Psicóloga

Praia de Botafogo 210/303 – Botafogo

Cep: 22250-040 – tel.: 2552.0396

Notas e Referências Bibliográficas

Arendt, H. – A Condição Humana – Rio de Janeiro – Forense Universitária – 2001

Enriquez, E. – Da Horda ao Estado – Psicanálise do Vínculo Social – Rio de Janeiro – Jorge Zahar Editora – 1983

Freud, S. – Totem e Tabu e Outros Trabalhos – (1913 [1923-13] Vol. XIII - Rio de Janeiro – Imago Editora – 1980

_____ Sobre o Narcisismo: Uma Introdução – (1914) Vol. XIV – Rio de Janeiro – Imago Editora - 1980

_____ Luto e Melancolia (1917) Vol. XIV – Rio de Janeiro – Imago Editora – 1980

_____ Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921 [1922] Vol.XVIII – Rio de Janeiro – Imago Editora – 1980

_____ O Ego e o Id (1923) – Vol. XIX – Rio de Janeiro – Imago Editora – 1980

_____ Inibição, Sintoma e Angústia – (1926) – Vol. XX – Rio de Janeiro – Imago Editora – 1980

_____ O Mal-Estar na Civilização – (1930 [1929] Vol. XXI – Rio de Janeiro – Imago Editora – 1980

Laplanche, J. e Pontalis, J. B. – Dicionário de Psicanálise - Incorporação – p. 309, 310 – São Paulo – 1988

Lévinas, E. – Entre Nós : Ensaio sobre a Alteridade – Petrópolis – Vozes – 1997

Ribas, D. – Donald Woods Winnicott – Psychanalistes d'aujourd'hui – Presses Universitaires de France (PUF) – Paris - 2000

Roussillon, R. – Agonie, Clivage et Symbolisation – Paris – Presses Universitaire de France (PUF) – 1999

Souza, O. – Formas do Vazio: Desafio ao Sujeito Contemporâneo – São Paulo – Via Lettera Editora – 2001

Safra, G. – A Face Estética do Self – São Paulo – Unimarco – 1999

Winnicott, D.W. – O Ambiente e os Processos de Maturação – p.81 - Porto Alegre – Artes Médicas – 1983

_____ O Brincar e a Realidade – p.26, 27, 60, 157 – Rio de Janeiro – Imago Editora – 1971

_____ A Natureza Humana – p. 153,154 – Rio de Janeiro – Imago Editora – 1990

_____ Holding e Interpretação – São Paulo – Martins Fontes – 1991